

# Refugiados na vida-grafia

## Uma aproximação a partir de Michel Henry

KARIN HELLEN KEPLER WONDRACEK\*

**Resumo:** A relação com pessoas desterritorializadas das fronteiras nas quais concebiam a vida exige um esforço de encontrar o chão comum para seu acolhimento. Os conceitos fenomenológicos de duplicidade do aparecer e de nascimento transcendental contribuem para alargar a compreensão da vida humana para além dos marcos exteriores que a fixam em territórios e culturas, pois a concebem doada na vida e pela vida. Sem essa perspectiva fundada na duplicidade do aparecer, os migrantes sofrem um distanciamento que aumenta a dificuldade de compreensão. Toma-se como ilustração as afirmações de Michel Henry a respeito de sua própria biografia, nas quais confronta os dados objetivos com impressões providas da racionalidade da própria vida. Desta forma propõe-se a necessidade de justapor às características exteriores da filiação "no mundo" as características inerentes ao estar vivo "na Vida". A entrevista de Michel Henry é conectada com suas afirmações a respeito do nascimento invisível e transcendental, especialmente a partir da fenomenologia do cristianismo. A consideração simultânea da bio-grafia com o que se poderia chamar de *vida-grafia* gera o conhecimento essencial para a comunicação profunda com o diferente. Um conhecimento (*connaissance*) gerado a partir do nascimento comum (*co-naissance*).

**Palavras-chave:** Fenomenologia da vida, nascimento transcendental, refugiados.

\* Faculdades EST, São Leopoldo, Brasil. Endereço para correspondência: Rua Carlos von Koseritz, 1336. 90540-030 Porto Alegre RS Brasil. karinkw@gmail.com / tel 55 51 991582621.

**Abstract:** The relationship with people dispossessed of territory on the borders within which they used to conceiving life requires an effort to find common ground for their acceptance. Phenomenological concepts of duplicity of appearance and transcendental birth contribute to broaden the understanding of human life beyond the outer landmarks that affixed them on territories and cultures, because they conceive them as donated in life and for life. Without this perspective founded on duplicity of appearance, the migrants suffer a distancing that increases the difficulty of understanding. As illustration we take the statements of Michel Henry about his own biography, in which he confronts the objective data with impressions that stem from the rationality of life itself. Thus we propose the need to juxtapose the exterior features of membership "in the world" with the inherent characteristics of being alive "in life." Michel Henry's interview is connected with his statements about the invisible and transcendental birth, especially from the phenomenology of Christianity. The simultaneous consideration of bio-graphy with what might be called *life-graphy* generates the essential knowledge for deep communication with the different. That's knowledge (*connaissance*) generated from the common birth (*co-naissance*).

**Keywords:** phenomenology of life, transcendental birth, refugees.

## 1. A base epistemológica: a duplicidade do aparecer

Um dos conceitos mais fecundos da fenomenologia da vida, quando se trata de dialogar com outros saberes, é o da duplicidade do aparecer. Para Michel Henry, o fenômeno se apresenta por dois modos, o do "mundo" e o da "Vida", complementares e não excludentes. O primeiro refere-se ao aparecer na visibilidade e exterioridade, no âmbito da representação; o segundo indica que o fenômeno doa-se na invisibilidade, na interioridade, como afeção. O primeiro abrange o movimento do conhecimento para fora, como o ver, ouvir e sentir; o segundo diz respeito ao movimento do conhecimento para dentro, investigando o poder que o doa, e assim faz a experiência do ver-se vendo, ouvir-se ouvindo, sentir-se sentindo<sup>1</sup>.

Carla Canullo, pesquisadora italiana de fenomenologia da vida, em sua conferência no Fórum Temático do Grupo de Pesquisa de Fenomenologia

<sup>1</sup> «Duplicidade ou dualismo do aparecer»: «Para Henry, é preciso considerar fenomenologicamente que há uma duplicidade do aparecer: 1. por um lado, o movimento para fora, como o ver, ouvir, e sentir; 2. por outro lado, o movimento para dentro, investigando o poder que constitui o ver (ver-se vendo; ouvir-se ouvindo; sentir-se sentindo)». WONDRACEK, Karin H. K. – Glossário (vivo) de fenomenologia. *Ser nascido na vida: A contribuição da fenomenologia da vida para a clínica*. (Tese de doutorado). São Leopoldo: Faculdades EST, 2010, p. 249.

da Vida na Faculdades EST, trouxe a metáfora do bordado para nos ajudar a entender a relação entre os dois movimentos da duplicidade do aparecer: temos o lado “direito”, visível, e temos o lado “avesso” do bordado. Diz a autora que «mundo e Vida são diferentes e mesmo suas verdades o são, mas eles permanecem juntos como o fazem o “verso e o inverso” de um tapete ou um bordado; dito de outra forma, eles são diferentes, distintos e, ao mesmo tempo, contíguos»<sup>2</sup>.

A noção de contiguidade é importante para compreender a natureza da relação entre ambos modos de conhecimento. Ao mesmo tempo em que estão simultaneamente presentes, são diferentes e não podem estabelecer uma continuidade entre si. O fato de serem contíguos e não contínuos, para Canullo, traz a vantagem de «não se constituir um automatismo na passagem de um para outro, mas um movimento. Cria-se assim um movimento *vivo*»<sup>3</sup>.

Aproximando-nos da condição de ser migrante e refugiado, podemos nos perguntar como conhecê-los segundo a duplicidade do aparecer do “mundo” e da “Vida”: no primeiro, trata-se de conhecer seus dados da exterioridade, como local de nascimento, raça, aparência, língua, cultura, costumes e acontecimentos, no registro do que consideramos bio-grafia. No segundo, nos deixamos afetar pela vinda da Vida neles, pelo tecido afetivo que os constitui, pelas suas dores e modalizações, e pelo modo da vida deles afetar a nossa. A esse processo podemos chamar *vida-grafia*, com a intuição de que nem tudo que se dá nesse registro do “avesso” pode ser transposto para representações e palavras. Mas nem por isso é menos real, antes com Michel Henry veremos que é revelador da realidade mais íntima e constitutiva, como expressa em diversos escritos<sup>4</sup>.

## 2. A vida-grafia de Michel Henry

No paradigma da duplicidade do aparecer, portanto, pode-se conhecer uma pessoa de dois modos diferentes, contíguos e complementares. O primeiro modo, da biografia, é por demais conhecido. Para o segundo, da vida-grafia, proponho tomar a descrição que Michel Henry faz de si, para nela apontar o movimento em direção ao “avesso”, à vida doada na invisibilidade. Tomo um recorte da entrevista dada por Michel Henry a Roland Vaschalde:

<sup>2</sup> CANULLO, Carla – A barbárie na cultura e na clínica. In ADAM, Júlio César; REBLIN, Iuri Andréas Orgs. – *Religião, mídia e cultura*. São Leopoldo, Brasil: EST/ Sinodal, 2015. p. 48.

<sup>3</sup> *Ibidem*, p. 51.

<sup>4</sup> Entre os quais, remetemos à conclusão de *Encarnação: uma filosofia da carne*. São Paulo: E-Realizações, 2014.

A história de um homem, as circunstâncias que o envolvem, é outra coisa que uma espécie de máscara, mais ou menos lisonjeira, que ele mesmo e os outros estão de acordo em colocar sobre o seu rosto – ele que, no fundo, não tem rosto algum. Você observa que eu nasci em um país distante. É o que me disseram. Mas este país não é mais longe do que a Índia e a China? Para mim, eu nasci na vida, da qual ninguém ainda encontrou a fonte em algum continente. Eu não conheci meu pai – mas não está nisso a condição de todos os viventes?<sup>5</sup>

O movimento em direção à vida-grafia se propõe através da relação entre as palavras desse recorte e as ideias expostas por Henry especialmente nos últimos livros acerca do nascimento transcendental, o nascimento na vida.

*A história de um homem, as circunstâncias... máscara, de acordo... sobre seu rosto* – os dados exteriores “do mundo” se constituem por acordo social e funcionam como máscara a colocar sobre o rosto. Com isso, Henry mostra que o laço social que permeia aquilo que é tomado como identitário, a partir do qual a pessoa é inserida no meio cultural, não é o que define sua vida em última e mais profunda instância.

Com seu conceito de “nascimento transcendental”, Henry relativiza o nascimento visível e concreto que se dá por intermédio dos pais, em determinado contexto racial, cultural, político e geográfico. Ele indica a “outra genealogia”, a invisível – pois é nessa que a vida nos é doada, e não o cessa a cada instante. «Em cada “ser humano” – homem ou mulher o que importa é a condição de Filho, vivente a si dado na auto-doação da Vida absoluta»<sup>6</sup>.

A partir de 1994, Henry escreve sobre o nascimento originário [*Ur-naissance*] pelo qual o Eu chega a si, nesse autoengendramento da Vida absoluta. Este é o nascimento, característico do humano. A arqui-Vida, ao se doar, gera-se como nosso Si, antes de qualquer consciência, intencionalidade ou pensamento, «que são sempre tardios em relação a esta auto-doação

<sup>5</sup> VASCHALDE, Roland – Entretien, In *Michel Henry, l'épreuve de la vie*. Paris: Le Cerf, 2000. Em português: Entrevista de Michel Henry com Roland Vaschalde. In MARQUES, Rodrigo Vieira; MANZI, R. F. (Org.) – *Paisagens da Fenomenologia Francesa*. Tradução de Rodrigo Marques. Curitiba: Editora da UFPR, 2011, p. 215. O trecho segue: «O homem do qual minha mãe falou mais tarde era capitão de longo curso, eu o vejo como um personagem de Conrad ou de Claudel. Na verdade, eu não sei nada dele. Mas sei algo a mais sobre a criança que passou seus primeiros anos ali? Nós vivemos em um eterno presente que nunca nos abandona. O que permanece fora dele está separado de nós por um abismo. E isso porque o tempo é um meio de irre realidade absoluta. Eu partilho da opinião do Mestre Eckhart: “O que se passou ontem está tão longe de mim quanto o que se passou há dez mil anos”.»

<sup>6</sup> HENRY, Michel – *Eu sou a verdade*. Lisboa: Vega, 1998, p. 161.

arqui-principal»<sup>7</sup>. A nossa condição passa a ser definida pelo nascimento transcendental que diz respeito à autogeração do Eu na Vida absoluta.

... *ele que, no fundo, não tem rosto algum* – é uma frase chocante, que, se desgarrada do seu contexto, pode levar a incompreensões. Mas aqui Henry quer destacar que não é apenas a manifestação da exterioridade do rosto que define quem é o ser humano, tendo em vista o equívoco que pode ser gerado pela tipificação dos rostos. Os racismos existentes testemunham que é pela avaliação do rosto que acontecem exclusões, perseguições e até execuções. Para Henry, a condição humana é mais bem compreendida pelo acréscimo dado pela inversão fenomenológica, de modo que o rosto se torna secundário. O ser humano tem no nascimento transcendental a sua definição: «Nascer quer dizer vir na vida. [...] Sendo dado que só a vida vem em si, que não há outro meio de nela vir que não o seu próprio provir em si, vir na vida quer dizer vir da vida, vir nela a partir dela, no mesmo processo pelo qual a vida vem em si»<sup>8</sup>.

A frase também pode receber acréscimo de significado se brincarmos com ela, a modo de livre associação, com o conceito de “fundo comum”: *ele que no fundo (comum) não tem rosto algum*. Nesse fundo comum, no qual todos são dados à vida, não há a exterioridade do rosto, mas apenas a vida doando-se como Si vivo. Há o risco de confundir esse fundo comum com um amalgamento, mas não é isso que Henry afirma. A vida vem a cada um como ipseidade, como singularidade, como experiência de si. No fundo comum, não como rosto, mas como experiência de si. Como expressa Benoit Canabus, «a vida no seu primeiro movimento não é então anônima, mas compreende já inevitavelmente a ipseidade como condição de possibilidade»<sup>9</sup>.

É na condição de nascido na vida como ipseidade que cada Si tem sua fonte. É ali que recebe o impulso vital, a doação que lhe vem como carne impressiva, da qual o rosto será expressão de diversidade desse fundo<sup>10</sup>. Aqui o contexto de compreender a frase seguinte da sua entrevista:

<sup>7</sup> ROSA, José Maria da Silva – Da essência trinitária da 'Fenomenologia da Vida' de Michel Henry. In MARTINS, Florinda; CARDOSO, Adelino (Orgs.) – *A felicidade na Fenomenologia da Vida*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2006, p. 188.

<sup>8</sup> HENRY, Michel – *Phénoménologie de la naissance*. *Alter*, revue de phénoménologie 2: Temporalité et affection, 1994, p. 297. Tradução de Florinda Martins.

<sup>9</sup> CANABUS, Benoit – Vida e Arqui-Si: o nascimento da relacionalidade. In ANTUNEZ; MARTINS; FERREIRA, *Fenomenologia da vida de Michel Henry e as psicoterapias*, p. 144.

<sup>10</sup> Não nos sentimos autorizados aqui nesse pequeno texto a discutir a contribuição de Lévinas a respeito do *visage* do outro como encontro ético. Expressão que, segundo nota de rodapé na tese da psicanalista Eneida Cardoso Braga (2015, p. 31), pode ser traduzida por *rosto* ou até preferencialmente por *olhar*. Mantidas as diferenças entre ambos no sentido do movimento de apreensão do outro, pode-se dizer que em comum está a incapacidade de apreensão do outro. Ambos, por diferentes vias, concebem o respeito ao outro e sua singularidade. Sobre esse ponto em Lévinas,

*Para mim, eu nasci na vida, da qual ninguém ainda encontrou a fonte em algum continente.* A Vida absoluta, fonte geradora de toda carne viva, não é geográfica. É Vida autogeradora e autoimpressiva. E ao mesmo tempo, já cá se estabelece uma relação: se eu nasci na vida, já nasci em uma relação e de uma relação. Como expressa Florinda Martins, «sou originariamente *copathos*: todo o sentir implica o outro – neste caso a vida – que interiormente o funda e transcende.<sup>11</sup>

Na obra *Eu sou a verdade* Henry aproxima a fenomenologia do nascimento da consideração filosófica do cristianismo, indicado para compreender a condição humana doada na invisibilidade. Para a vida considerada sem referência a rostos, fronteiras ou países, cabe escutar com atenção a sua «Teoria cristã da relação com o outro», baseada no texto paulino de Gálatas 3.28: «Já não há judeu nem grego; não há escravo nem livre; não há homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus.» Segue o comentário de Henry a este texto:

Primeiro: na nossa relação com o outro não consideramos só, nem primeiro, apesar da sua aparência mundana, o facto deste outro ser um grego ou um judeu, um senhor ou um servo, um homem ou uma mulher, *mas consideramos cada um como Filho*. Isto é: um Si transcendental gerado na auto-geração da Vida absoluta e na sua essencial Ipseidade – um Si que aufere a sua ipseidade da Ipseidade da vida e só dela. Qualquer eu e qualquer ego só num e por tal Si são possíveis. Não há grego nem judeu, senhor ou servo, homem ou mulher visto cada um deles ser um ego e um eu.<sup>12</sup>

O deslocamento aqui é duplo: já não se descreve humanos em termos de genealogia mundana, na qual importam rostos, raças e territórios, mas também há um deslocamento da ilusão transcendental do ego de se constituir a partir de si. Por conseguinte, também a relação com o outro é trazida para este eixo, no sentido de que qualquer relação entre os viventes pressupõe a relação com o Si transcendental «sem a qual nenhum deles seria um “outro”,

comenta Braga: «Deste modo, por seu caráter de estrangeiro, o Outro afirma-se em sua infinita distância, mantendo-se fora de qualquer possibilidade de totalização. Tão distante, de forma a jamais poder ser tocado, e próximo demais para ser ignorado, o Outro tumultua e desacomoda a organização narcísica do eu. A expressão da alteridade, presente no conceito *visage*, traduz a impossibilidade de apreensão ou domínio pela força e convida a que se mantenha a pluralidade, resgatando assim a não-coincidência, a não-confusão de temporalidades, no convite à procura de outra forma de racionalidade» (p. 30).

<sup>11</sup> MARTINS, F. – A volúpia e o incômodo na configuração da certeza. In ANTUNEZ; MARTINS; FERREIRA, *Fenomenologia da vida de Michel Henry e as psicoterapias*, p. 62.

<sup>12</sup> HENRY – *Eu sou a verdade*, p. 161.

isto é, um ego. Toda a relação com o outro pressupõe Aquele de quem se é Filho, sem o qual não haveria qualquer Si, eu, ego, e por conseguinte nenhum outro eu, nenhum outro ego»<sup>13</sup>. Henry estabelece assim uma relação intrínseca entre a alteridade e o nascimento transcendental: para compreender o outro, é preciso inverter o eixo da investigação para encontrar no nascimento de cada si singular o pertencimento comum. Este foi o movimento encetado por nós em nossa pesquisa a respeito da relação terapêutica, e repetido aqui na investigação a respeito do acolhimento de estrangeiros<sup>14</sup>.

A relação com o outro recebe sua maior compreensão na duplicidade do aparecer: além do movimento para fora, do contato dos corpos e rostos com suas singularidades culturais e geográficas, está o contato via interioridade, pela relação fundante de cada si com o Primeiro Filho, ou seja, na mais íntima interioridade. Para Henry, este vínculo interior é principal:

É impossível estabelecer uma relação com um qualquer eu sem ao mesmo tempo estarmos em relação com o poder que a si o une. É impossível entrar em relação com um outro, quem quer que seja – grego, judeu, senhor, escravo, homem, mulher – se não estivermos primeiro em relação com Aquele que deu este Si a si mesmo na Ipseidade originária em que a vida a si mesma se entrega ao dar-se potencialmente a todo o vivente.<sup>15</sup>

Esta relação com o Arquifilho, doador do Si, se constitui no ponto de contato com o outro. Aqui torna-se compreensível a sequência da entrevista de Henry, quando expressa que não só ele não conheceu seu pai, mas que essa é a condição de todo *vivente*. Henry aponta que há um limite para conhecimento mútuo: há uma “radical incapacidade” de conhecer o Si do outro tal como ele é doado na Vida absoluta.

O autor se pergunta: «Como é que a Vida funda esta possibilidade do Filho ser com o outro, ou seja, este ser-em-comum?» E responde:

*Sendo ela este ser-em-comum.* Com efeito, o que têm em comum é o ser vivente, portador da vida neles. *O ser-em-comum dos Filhos é a sua condição de Filhos.* Por esta razão, o ser-em-comum é tão fácil e tão difícil de ser compreendido como a condição de Filhos. Por esta razão, também, o ser-em-comum é tão flutuante como esta condição.<sup>16</sup>

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 161.

<sup>14</sup> WONDRACEK, Karin Hellen Kepler – *Ser nascido na vida, A contribuição da fenomenologia da vida de Michel Henry para a clínica*.

<sup>15</sup> HENRY – *Eu sou a verdade*, p. 161.

<sup>16</sup> *Ibidem*, p. 163.

Esta questão nos interessa sobremaneira, pois pode indicar uma via de aproximação com aqueles nascidos na vida que sejam muito diferentes na dimensão visível, fixada étnica, espacial e temporalmente.

### 3. Uma contribuição para o diálogo com *Filhos* refugiados e migrantes

A partir dessa lupa nas afirmações de Michel Henry sobre sua própria vida, pode-se ressignificar a compreensão da condição dos migrantes e refugiados. Cito Florinda Martins sobre a abertura promissora da Fenomenologia da Vida para as questões de fronteira:

Michel Henry abre ao diálogo com a teologia e com a política porquanto a experiência do limite abre a outra coisa que não a consciência nem o mundo, abre à vida que se revela sempre como poder absoluto na origem do qual aufero a possibilidade de exercer os meus poderes. Mais do que a um facto da vida acedemos ao facto de vivermos, aí onde as fronteiras se movem e nesse mover-se configuram sempre uma verdade absoluta, absoluta em seu poder e limite.<sup>17</sup>

Os estudos sobre refugiados preocupam-se com milhões de pessoas oriundas de outras terras, e com ainda outras nascidas "sem pátria". Se mantermos apenas o modo de registrar pessoas a partir de seus nascimentos objetivos em determinados sítios geográficos, já estão a perder sua dignidade e direitos. Mas no paradigma do duplo aparecer, com a consideração simultânea da bio-grafia com o que se poderia chamar de *vida-grafia*, acessa-se o conhecimento essencial para a comunicação profunda com os desterritorializados. É na recordação da condição de ser-em-comum de Filhos que se pode obter um conhecimento no qual já não importa o território, nem raça, nem rosto. Como expressa Henry, um conhecimento (*connaissance*) gerado a partir do comum-nascimento (*co-naissance*).

Mantendo o afeto do co-nascimento comum, encontrado pela inversão fenomenológica, pode-se, na metáfora apresentada por Canullo, fazer o movimento *vivo* de no avesso recordar o nascimento comum na Vida, para então retornar à face 'direita' do bordado, âmbito dos dados objetivos de raça, território, linguagem. A base invisível capacita a ressignificar o visível... a base comum capacita a respeitar os direitos (de todos os) humanos. Conhecimento de co-nascimento!

<sup>17</sup> MARTINS, Florinda – Afeição e filosofia primeira: relação entre fenomenologia e ciências da vida. *Psicologia USP* 26.3 (2015) p. 369.



Para concluir, uma abordagem teopoética das exclusões que esquecem o nascimento comum de toda carne:

Na medida em que nossos corpos  
se separam de outros corpos,  
e nossas bocas  
arrebataam para si  
o pão de todas as bocas;

na medida em que amamos  
outros corpos  
esquecidos de que a semente  
é uma só,  
e que a flama que incendeia  
a carne  
faz a fome  
queimar a língua dos operários,

na medida, ó Pai, em que nossa pele  
se cobre de veludo,  
e a pele de camponesas  
se cresta nas lavouras;

na medida em que a carne de Jesus  
se ilumina no pão,  
e o vinho rebrilha  
como dentes de romãs,  
enquanto nos cárceres a carne  
é retalhada  
por instrumentos eletrônicos:

a Ressurreição de Teu Filho  
é uma teia  
estendida de manhã  
entre dois galhos  
para capturar moscas,  
e as trombetas  
de Páscoa,  
murmúrios  
em templos enegrecidos.

Uma só é a carne  
de Teus filhos, Pai,  
como um só  
o Espírito,  
sob cujas asas  
nossa carne  
veste  
a nudez maravilhosa  
dos lírios do campo.

*Armindo Trevisan*

## Referências

- CANABUS, Benoit – Vida e Arquê-Si: o nascimento da relacionalidade. In ANTUNEZ, Andrés A.; MARTINS, Florinda; FERREIRA, Maristela Vendramel (Orgs.) – *Fenomenologia da vida de Michel Henry e as psicoterapias*. São Paulo: Escuta, 2014, p. 137-156.
- CANULLO, Carla – A barbárie na cultura e na clínica. In ADAM, Júlio César; REBLIN, Iuri Andréas (Orgs.) – *Religião, mídia e cultura*. São Leopoldo, Brasil: EST/Sinodal, 2015, p. 47-58.
- CARDOSO BRAGA, Eneida – *A questão da inauguração do sujeito ético a partir da responsabilidade diante da morte do outro: Lévinas e Freud*. (Tese de doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2015.
- HENRY, Michel – *Phénoménologie de la naissance*. *Alter, Revue de phénoménologie* 2: *Temporalité et affection*, (1994): 295-312.
- HENRY, Michel – *Phénoménologie matérielle*. Paris: P.U.F. Épipiméthée, 1990.
- HENRY, Michel – *Eu sou a verdade*. Lisboa: Principia, 1998. Tradução de Florinda Martins.
- MARTINS, Florinda – A volúpia e o incômodo na configuração da certeza. In ANTUNEZ, Andrés A.; MARTINS, Florinda; FERREIRA, Maristela Vendramel – *Fenomenologia da vida de Michel Henry e as psicoterapias*. São Paulo: Escuta, 2014, p. 47-80.
- MARTINS, Florinda – Afeição e filosofia primeira: relação entre fenomenologia e ciências da vida. *Psicologia USP* 26.3 (2015): 364-370.
- ROSA, José Maria da Silva – Da essência trinitária da 'Fenomenologia da Vida' de Michel Henry. In MARTINS, Florinda; CARDOSO, Adelino (Orgs.) – *A felicidade na Fenomenologia da Vida*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2006, p. 177-194.
- TREVISAN, Armindo – *O moinho de Deus*. Caxias do Sul: EDUCS, 1985.

VASCHALDE, Roland – Entrevista de Michel Henry. In MARQUES, Rodrigo Vieira; MANZI Filho, Ronaldo. (Orgs.) – *Paisagens da Fenomenologia francesa*. Curitiba: Editora da UFPR, 2011, p. 215-224.

WONDRACEK, Karin Hellen Kepler – *Ser nascido na vida: A contribuição da fenomenologia da vida de Michel Henry para a clínica*. (Tese de doutorado) São Leopoldo, Brasil: Faculdades EST, 2010. Disponível em www: <url: [http://tede.est.edu.br/tede/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=245](http://tede.est.edu.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=245)>.